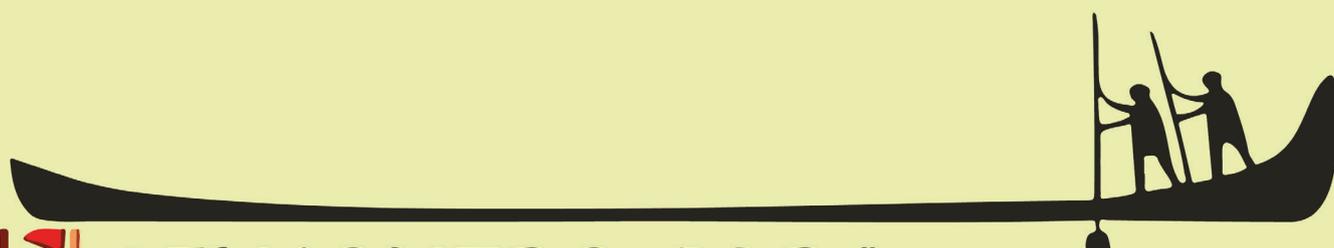


INSTITUTO FEDERAL

Ceará



ENCONTRO PARA
ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS
E INDÍGENAS DO IFCE







*Quem tem um olho na universidade, na cultura erudita,
tem de ter outro olho no sambódromo, na cultura popular;
porque a cultura é como um pássaro que tem duas asas.*

*Uma não é pior nem melhor que a outra,
Acontece simplesmente que uma não funciona sem a outra.*

*Se faltar uma delas, o homem não pode voar;
não decola.*

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Geral

- Ariádine de Oliveira Rabelo da Silva (Assistente Social da Diretoria de Assuntos Estudantis)
- Anna Érika Ferreira (Professora/Coordenadora de extensão do campus de Baturité)
- Andréa Acioly Maia Firmo (Psicóloga do campus de Caucaia)
- Agebson Rocha Façanha (Professor do campus de Acaraú/ coordenador de projetos especiais da PROEXT)
- Hellenvivan de Alcântara Barros (Pedagoga da PROEXT/ coordenadora de empreendedorismo e incubadoras)
- Patrícia Fernandes de Freitas (Assistente Social da Proext)
- Aliny Guerra Vale (Auxiliar em Administração da PROEXT)
- Maria Jucilene Borges de Souza (Estagiária de Serviço Social da PROEXT)
- Marcos Erick Rodrigues da Silva (Professor do campus de Fortaleza/ Chefe do Departamento de extensão social e cultural da PROEXT)
- Guilherme Júlio da Silva (Interprete de Libras da PROEXT)

Apoio à Coordenação - Estudantes do campus de Baturité

- | | |
|---|------------------------------------|
| - Rildelene dos Santos Silva | - Joice da Silva Lima |
| - Maria Josiane Martins Ribeiro | - Isabelle Costa Valentim |
| - Deborah Moreira Pinto | - Kaio Lemos |
| - Nayendra Silveira Rodrigues | - Ythalo Viana |
| - Ezequiel Andrew Angelo Barroso Vieira | - Júlio César Lopes de Oliveira |
| - Antonia Thayres Maciel do Nascimento | - Jailton Sousa Rodrigues da Silva |

Colaboradores/as

- Gabriela Catunda Peres (Programadora visual do campus de Crateús)

Relatoria

- Ariádine de Oliveira Rabelo da Silva (Assistente Social da Diretoria de Assuntos Estudantis)
- Andréa Acioly Maia Firmo (Psicóloga do campus de Caucaia)
- Agebson Rocha Façanha (Professor do campus de Acaraú/ coordenador de projetos especiais da PROEXT)
- Patrícia Fernandes de Freitas (Assistente Social da PROEXT)
- Aliny Guerra Vale (Auxiliar em Administração da PROEXT)
- Maria Jucilene Borges de Souza (Estagiária de Serviço Social da PROEXT)
- Guilherme Júlio da Silva (Interprete de Libras da PROEXT)- Júlia Mota Farias (Psicóloga Tauá)

Dados Gerais

Local do Evento: Baturité

Total de campi participantes: 15

Total de participantes: 206

1 - APRESENTAÇÃO

*É que tem mais chão nos meus olhos do que o cansaço nas minhas pernas,
mais esperança nos meus passos, do que tristeza nos meus ombros,
mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.*

Cora Coralina.

O I Encontro para Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, realizado pela Pró-reitoria de Extensão, em parceria com os campi de Baturité e Caucaia e a Diretoria de Assuntos Estudantis do IFCE, teve por objetivo fomentar a criação dos NÚCLEOS DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS NOS CAMPI (NEABIs) DO IFCE e assim possibilitar indígenas e quilombolas condições de acesso e permanência na instituição, bem como iniciar a aproximação com estas comunidades colaborando com o fortalecimento de suas identidades culturais.

Participaram do evento representantes da Funai, Incra e lideranças indígenas e quilombolas do estado do Ceará, professores da UFC e IFCE, psicólogos, pedagogos e assistentes sociais e estudantes do campus de Baturité e outras instituições. Contamos com a presença de aproximadamente 200 participantes, com a representação de 15 campi do IFCE, com a participação de estudantes de outras instituições e entidades sociais. O encontro seguramente constituirá-se num marco ao trabalho com indígenas e quilombolas no IFCE.

As mesas redondas apresentaram discussões sobre os seguintes assuntos: identidade e diferenças étnicas, culturais, territoriais e suas estratégias de abordagem social; resistências, desafios e perspectivas no cenário indígena e quilombola no Ceará. O evento ainda promoveu apresentações culturais, troca de experiências entre os campi, trilha histórica na comunidade indígena Kanindé Aratuba e visita às comunidades quilombolas da Serra do Evaristo - Maciço de Baturité.

O campus de Baturité ofereceu infraestrutura e acolhida que foram valorosos. Os corredores do campus estavam marcados com fotos significativas do trabalho realizado nas comunidades visitadas pelos participantes do evento, como podemos ver numa pequena amostra, logo abaixo:

Foto 1: Exposições de trabalhos realizados.



Esperamos que os NEABIs (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) sejam brevemente implantados em todos os campi do IFCE, compreendendo o papel dessa instituição no processo de inclusão social.

Fonte: Gabriela Catunda

2 - RELATOS DOS MOMENTOS

1º DIA - 18/06/2015 - Manhã

Abertura

O evento teve início com uma apresentação cultural da Tambores de Guaramiranga que desenvolve atividades com crianças e adolescentes, principalmente através da educação musical.

Foto 2: Apresentação Grupo Tambores de Guaramiranga



Fonte: Gabriela Catunda

Durante a apresentação os/as participantes fizeram uma grande roda e dançaram “Minha Ciranda” da Lia de Itamaracá, como podemos visualizar em seguida.

Foto 3: Ciranda



Foto 4: Ciranda



Foto 5: Ciranda



Fonte: Gabriela Catunda

Em seguida, a solenidade continuou com a formação da mesa de abertura composta pelo reitor Virgílio Augusto Sales Araripe, o diretor do campus de Baturité, Raimundo Eudes de Sousa Bandeira, a pró-reitora de extensão, Zandra Dumaresq, o cacique da tribo Kanindé de Aratuba, Sotero, o representante da aldeia quilombola da serra do Evaristo, Evandro, e o professor da Universidade Federal do Ceará (UFC), Francisco Pinheiro.

Foto 6: Explicação de Eudes Bandeira (Diretor do campus de Baturité)



Fonte: Gabriela Catunda

A fala dos componentes da mesa foi, em geral, sobre a importância do evento para iniciar as discussões e estudos sobre o tema no IFCE; além da necessidade de encontrar possibilidades de intervenção da instituição na realidade dessas comunidades com histórico de opressão e exclusão.

Foto 7: Apresentação do cacique Sotero e membros da comunidade Kanindé



Fonte: Gabriela Catunda

Taba kanindé ka'a-pe opyta toré ixé o-só aratubá
Morobixaba, paíe abé kunumê ópa abé
Kanindé aratuba suí kuarasy o'ar beraba

MESA REDONDA: IDENTIDADES E DIFERENÇAS ÉTNICAS, CULTURAIS, TERRITORIAIS E SUAS ESTRATÉGIAS DE ABORDAGEM SOCIAL

Componentes:

- Professor Dr. Antônio Jeovah de Andrade Meireles- Geografia - UFC
- Professora Dra. Sandra Haydeé Petit – Educação – UFC
- Assistente Social André Luiz Fernandes – Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) indígena de Maracanaú
- Professora Dr. Anna Érika – IFCE Baturité (Coordenadora da mesa)

A professora Sandra iniciou sua fala agradecendo pelo convite aos organizadores do evento e ao IFCE e relatou a importância pessoal de estar participando desse momento para atualizar sua situação com seus ancestrais. Ressaltou que sua abordagem nesta mesa será sob uma perspectiva afro, embora tenha uma relação com os índios. Na sequência foi exibido o vídeo canto para Oxum – Arami maio.

Foto 8: Explicação da Sandra Petit



Fonte: Gabriela Catunda

Sua fala foi especialmente sobre identidade e pertencimento, destacando a importância dos marcadores das africanidades, que são aspectos físicos, sociais e culturais, podendo servir de apoio para identificação do indivíduo com a sua descendência.

Alguns exemplos desses marcadores são: história do nome, a história da sua linhagem, mitos, histórias de pertencimento, os sabores da infância (pratos, modos de comer e valor da comida), pessoas de referência na família e na comunidade, mestres negros, escritos negros, danças, músicas, rituais de cura, artesanatos, a relação com o cabelo afro (seja o próprio ou o de outras pessoas) – o cabelo pode ser uma forma de afirmação ou negação da africanidade e o sentimento de pertencimento, a representação da África, as relações, valores de família, os laços de solidariedade, a relação com a natureza, com o chão e as práticas corporais, dentre outros.

Para trabalhar esses valores é necessário tempo, pois eles estão ligados à memória que está silenciada dentro de cada indivíduo. Além dos marcadores da africanidade, a professora Sandra enfatizou a importância da dança para negros, pois o corpo que dança é considerado sagrado; e o toque, a dança e a musicalidade são formas de se conectar com os ancestrais.

A palestrante finalizou lembrando que é importante aprofundar o estudo sobre negros e índios separadamente, ainda que suas histórias estejam interligadas. E que não podemos nos afirmar como um pouco

de tudo e às vezes não sermos um pouco de nada também.

Disse ainda que os negros não chegaram aqui escravos eles foram escravizados. E que o termo raça deve ser compreendido numa perspectiva política e não biológica.

Em seguida, o professor Antônio Jeovah trouxe informações sobre os conflitos socioambientais e as estratégias para garantir a preservação e a posse dos territórios indígenas tradicionais. Em seu grupo de pesquisa a terra é uma das categorias de análise e tem como objetivo aproximar a universidade dos grupos sociais excluídos, de modo que possam ajudar a garantir um de seus direitos mais preciosos.

Foto 9: Explicação do professor Jeová



Fonte: Gabriela Catunda

O palestrante trouxe dois conceitos importantes (categorias sociopolíticas) para facilitar as discussões: racismo ambiental e justiça ambiental. O primeiro diz respeito às injustiças sociais e ambientais que recaem de forma implacável sobre os grupos étnicos por conta de sua raça, cor, condição social, etc, sendo permitida pelo Estado a desvalorização de determinadas áreas (terras e águas) por conta das questões de raça. O conceito de justiça ambiental se refere ao tratamento justo e envolvimento pleno de todos os grupos sociais, independente da origem e renda, nas questões ambientais.

O professor trouxe ainda informações sobre o trabalho desenvolvido para a busca da garantia de territórios a esses povos, como relatórios para o Ministério Público e pareceres para as comunidades. Além de ter levantado aspectos que vêm afetando as terras como a mineração (atinge a terra indígena Potiguar), os rastros das indústrias (que promovem a perda da biodiversidade e diminuem a qualidade da água, terra e do ar), e o turismo industrial (já existem 42 resorts dentro da terra dos Tremembé em Mundaú).

Falou sobre a importância de se ter uma ciência engajada para enfrentar esses conflitos. Na sua área utilizam-se do mapa comunitário e da cartografia social.

Expôs, ainda, sobre as categorias de imposição: equidade, complementariedade, reciprocidade e comunidade. A síntese das categorias seria a cosmovisão, cosmovivência, que seria a síntese da relação estado e sociedade.

Para finalizar sua fala, ressaltou a importância de que as discussões e estudos feitos pelos NEABI'S sejam levados também para a prática, para assim impactar de forma significativa a realidade desses povos.

O último componente da mesa, André Luis falou sobre suas atividades no CRAS indígena do município de Maracanaú, destacando que o trabalho com os índios é um desafio constante e uma construção permanente na busca da ancestralidade e do sentimento de pertencimento.

Foto 10: Exposição de André Luís (CRAS)

Fonte: Gabriela Catunda

Informou que o CRAS é uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social e é responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios.

Dentro dos serviços ofertados pela instituição estão o acompanhamento familiar que tem como objetivo monitorar as vulnerabilidades na família; o serviço de convivência para crianças de até 12 anos onde são trabalhados temas como cultura, meio ambiente e trabalho; grupos de adolescentes nos quais, dentre outras atividades, são ofertadas oficinas de hip hop, associando elementos da cultura indígena na busca da ancestralidade e da valorização da etnia; e grupos com os idosos procurando trabalhar a integração entre as gerações mesclando as atividades dos membros mais antigos e mais novos, a sexualidade a drogadição na 3ª idade, a religiosidade, a perda e o luto.

André Luís destacou também a importância do fortalecimento da rede socioassistencial que já rendeu bons resultados com o programa de habitação e com uma parceria com a escola técnica de Maracanaú que irá formar a primeira turma de técnicos em enfermagem indígena.

Ao final de todas as falas iniciou-se o debate, onde servidores, alunos e convidados fizeram considerações e perguntas aos palestrantes.

Questões:

- Patrícia falou sobre a Dificuldade de entender a questão dos territórios. INCRA, MDS, FUNAI apresentam dados diferente. O que devemos fazer com esses dados discrepantes? Disse, ainda, ser interessante uma parceria do CRAS indígena com o IFCE campus de Maracanaú. Perguntou, também, quais os desafios postos para viver a sociabilidade humana, para a partilha dos bens sociais dentro de uma sociedade capitalista.

- Pinheiro falou sobre a marca cultural africana. Disse ser estante pensar no Brasil que africano é africano e indígena é indígena. Disse, ainda, que o modelo de índio da FUNAI é o estilo colonial, da Amazônia. E que Marquês de Pombal retirou o estudo das línguas africanas das escolas. Colocou ser importante como essas questões se expressam na história do Ceará a partir do século XVIII.

Respostas as Reflexões

Sandra falou que trabalha mais a questão do pertencimento do que de identidade. Os Negros já tinham história no Brasil por isso foram escravizados.

Enfatizou que não dá maior ênfase ao que é ou não indígena, africano, mas as especificidades, mas é necessário pensar nas especificidades. Isso não quer dizer negar as misturas. Você não nega o outro você integra.

Mesa Redonda- *Cenários Indígenas e Quilombolas no Ceará: resistências, desafios e perspectivas*

Cláudia Oliveira da Silva- Representante do movimento quilombola de Caucaia

Foto 11: Exposição de André Luís (CRAS)



Fonte: Agebson Façanha

Iniciou falando sobre o protagonismo quilombola, identidade e resistência. Tratou sobre a importância de valorizar a ancestralidade. O território também faz parte da ancestralidade, não é só a questão da terra em si. Disse, ainda que a identidade faz parte do resgate ancestral.

Apresentou algumas imagens do trabalho que realiza no Juá para lembrar de pessoas que resistiram em meio a tantas dificuldades.

Colocou, ainda, que a linguagem é uma forma de identidade. Assim as manifestações linguísticas devem ser valorizadas pela comunidade. Outro ponto foi a consciência histórica que se deve ter desses processos.

Tratou também sobre marcos legais:

- Art. 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, no qual está posto que aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir os títulos das terras.

- Decreto 4.887 de 2003 (que Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias).

Expôs que a luta do movimento quilombola no Brasil busca efetivar o que está na Lei. Citando as seguintes legislações:

- **Lei 10.639/2003**

No contexto educacional, a Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, alterou a Lei nº 9.394/1996 – LDB e determina a **inclusão do ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e Africana em todo o currículo da Educação Básica.**

- **Resolução Nº 8, de 20 de novembro de 2012**

Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.

Indicou para leitura a Coleção Educação e Relações Raciais. Interessados podem acessar: <http://www.acaoeducativa.org.br/relacoesraciais/colecao-educacao-e-relacoes-raciais>.

Disse que a formação de professores é diferenciada, apresentando algumas fotos para ilustrar a didática do trabalho.

Foto 12: Exposição de André Luís (CRAS)



Fonte: Claudia Oliveira

- Burocracia para acessar os editais;
- Pouco interesse político;
- Não priorização das políticas para as comunidades quilombolas;
- Falta de capacitação para as lideranças comunitárias;
- Mobilização para as pessoas das comunidades

Apresentou ainda algumas necessidades imediatas das comunidades quilombolas

- Educação Escolar Quilombola nas escolas localizadas nos territórios quilombolas ou que atendem aos estudantes oriundos dessas comunidades;
- Saúde diferenciada para a população negra;
- Titulação de territórios quilombolas;
- Assistência Técnica de Extensão Rural - ATER;
- Projetos para o fortalecimento da cultura quilombola;

Falou ainda sobre Zumbi dos Palmares, o qual foi o líder negro de todas as horas. Apresentou por fim algumas referências bibliográficas (que estão na apresentação da palestrante em anexo).

▪ **José da Guia Marques- antropólogo e analista em Desenvolvimento agrário da Superintendência do INCRA.**

Colocou que existem 70 comunidades auto atribuídas (auto-definidas) que se reconhecem quilombolas.

As pesquisas que desenvolve têm um caráter mais técnico que acadêmico.

Sobre o conceito quilombo disse que refuta contestações de advogados de pessoas e de que se colocam como proprietários de terras.

Os grupos atuais são remanescentes de quilombos. A maioria das comunidades não têm referência em comunidades históricas.

Os vínculos podem ser percebidos pelo território ou parentesco. Um ponto em comum encontrado nas comunidades é o reconhecimento na ancestralidade. O conceito atual de quilombo foi ressignificado. Há uma nova identidade sendo construída. Importante lembrar que território não se limita a espaço físico.

Representantes do partido dos Democratas (DEM) já tentaram derrubar o art. 2º do Decreto 4.887/2003, alegando a inconstitucionalidade do mesmo.

Com referência ao direito à terra o INCRA reconhece, demarca e faz a titulação. E apesar da terra ser da comunidade, não se pode vender e nem dividir.

Enumerou, em seguida, as etapas no processo de regularização fundiária:

1ª fase- abertura do processo;

2ª fase- elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), após pesquisa de campo;

3ª fase- Aprovação e contestação da RTID;

4ª fase- Portaria de reconhecimento;

5ª fase- Decreto de Desapropriação;

6ª fase- Vistoria/indenização/ desintrusão

7ª fase- Titulação Coletiva

O palestrante informou que talvez a Fazenda Bom Jardim em Tamboril seja a primeira a receber a titulação no Ceará.

Enfatizou que algumas comunidades às vezes desistem do processo de negação da identidade por conta de pressões de homens que se dizem proprietários da terra.

Foto 13: Exposição de José da Guia Marques (INCRA)



Fonte: Gabriela Catunda

■ Luís Gustavo Guerreiro-indigenista especializado-FUNAI

Iniciou falando do prazer em está no evento, por que em 1994 foi aluno da escola técnica e está muito feliz de ver a instituição preocupada com estas temáticas.

Colocou que para se compreender a política indigenista no Ceará precisa-se levantar alguns aspectos nacionais. Em 1910 teve início o Serviço de Proteção ao índios.

A ideia era ter-se uma política de despejamento indígena. Foram quase 50 anos trabalhando nessa perspectiva.

O palestrante particularmente não gosta da categoria identidade (categoria fetiche para ciências

sociais), por isso prefere processos identitários.

Em 1967 houve a criação da FUNAI para servir como provedora de migalhas aos índios. O que mudou com os art. 231 e 232 da constituição federal de 1988.

Falou, ainda, do infanticídio (na Amazônia) e que os povos indígenas têm total autonomia sobre seus destinos.

A constituição de 1988 obrigava que em cinco anos fossem identificadas todas as terras indígenas, contudo isso não se concretizou.

Lembrou da reserva indígena Taba dos Anassés da qual os índios foram despejados por conta da refinaria da Petrobrás.

A FUNAI identifica uma terra indígena por ato administrativo e declaratório.

O Decreto 1775 da FUNAI trata sobre a demarcação (obedecendo os princípios democráticos da legalidade). Faz a desinstituição (desocupação de não índios) quando necessário. Os índios tomam posse, mas a propriedade é da União.

Já existem 462 terras indígenas regularizadas. No Ceará, são mais de 10 regulamentadas e mais de 30 com pedido de regulamentação. O principal problema é da demarcação de terras. Por isso existem conflitos fundiários violentos.

Falou, ainda, da ideia implantada na sociedade, doutrinada a pensar que os índios andam nus e não falam português.

Em seguida, questionou sobre o que seria Kanindé e pediu ao Cacique Sotero que respondesse. E, o senhor Sotero fez algumas reflexões sobre quando começou a ouvir que era índio. A mãe falava à noite quando chegavam da caça.

Em 1965, recebeu uma carta da missão para encontro em Maracanaú. Na época ninguém podia dizer que era índio, pois os brancos matariam. Kanindé era conhecido como jumento da barriga preta. Mas não sabe ao certo o significado que hoje dá nome a sua comunidade.

Luís retomou a fala e disse que os índios evocam experiências do passado.

Já recebeu termos de juízes chamando os índios de silvícolas (termos preconceituosos utilizados pelo poder judiciário). E ele sempre questiona-se sobre quem é civilizado e quem é selvagem.

Sugeriu ao final da fala que assistíssemos ao filme “Metade de um sol Amarelo” que retrata a manipulação da identidade indígena.

Foto 14: Exposição de Luiz Gustavo Guerreiro (FUNAI)



Fonte: Gabriela Catunda

■ Jeová Silva Ferreira-Coordenador da Organização dos Professores Indígenas do Ceará

Iniciou informando ser formado em Magistério Indígena. É professor indígena desde 1998 e vem construindo no Ceará uma proposta para professores indígenas.

Está elaborando o documento etnoterritorial.

Potirô tem uma proposta de plano de ação. A realidade do Sul não é diferente do Ceará no que concerne a proposta educacional.

Em 2009, saiu o decreto do governo Lula.

No Ceará, hoje já há muitas pessoas capacitadas para organizar livro didático padronizado (com saberes vividos pela comunidade), mas ainda não há condições.

A oralidade tem sido muito forte na aldeia para manter viva a história verdadeira.

A UFC ainda não assinou o documento. Formou os Tremembés e irão formar outras turmas, na perspectiva de formação específica para professores indígenas.

Está sendo organizada audiência pública em Maracanaú para discutir essa questão da formação específica. Contudo, o professor indígena não pode formar-se e esquecer-se de que a sociedade precisa dele. No Ceará, existem 5 professores indígenas.

A escola indígena tem currículo próprio, não obedece o ano civil e tem foco na cultura.

Foto 15: Exposição de Jeová Silva (OPRINCE)



Fonte: Gabriela Catunda

Questões postas ao debate

1º Bloco

Ítalo- estudante da UNILAB colocou que sentiu falta na fala da Claudia de ouvir mais das experiências vividas por ela. Disse ainda ser Neto de Bezendeira e Curandeiros e gostaria de saber qual o lugar das bezendeiras do Juá. Assim como é o protagonismo das mulheres no Juá. Perguntou ao José da Guia qual o papel do INCRA no impasse entre ruralistas e quilombolas e para Jeová perguntou se a categoria de professor indígena está regulamentada.

Jeová questionou ao Luís se a FUNAI não deveria ser uma porta voz mais concreta, mais crítica.

Lúcio (professor de Iguatu) colocou que o diálogo interinstitucional ainda não existe e que Baturité está a anos luz de outros campi. Questionou como iremos construir o diálogo intra e interinstitucional.

REFLEXÕES REFERENTES AOS QUESTIONAMENTOS

Cláudia disse que infelizmente a cultura das benzedeadas tem sido negada. Mulheres são gritos (força pela palavra, pela oralidade delas). As Mulheres participam de quase todos os movimentos da comunidade.

Dona Iracema que mostrou na foto foi ativista para reconhecimento do movimento quilombola. José da Guia disse que a presunção dar-se pela ancestralidade negra. E, que ninguém nasce sabendo que é índio ou quilombola vai constituindo-se com os resgates da ancestralidade. Ressaltou que na comunidade não estão apenas os parentes biológicos (com vínculos consanguíneos). A mulher branca que casa com quilombola, por exemplo, passa a ter o pertencimento na comunidade, parentesco social.

É Papel do INCRA defender a missão do trabalho colocado na Lei, respeitando o Decreto 4.887. O INCRA já quase parou em defesa do Decreto.

Sobre a categoria professor indígena disse que no estatuto do magistério ainda não existe o cargo professor indígena. Existem saberes que só índios e negros conhecem. Assim, como não tem cargo, não tem concurso. Criar a escola e não criar o cargo é bastante complicado.

Luís disse que a FUNAI foi refém de interesses hegemônicos e que é necessário às vezes separar a pessoa do cargo que ocupa pois nem sempre ela comunga com os interesses da instituição.

2º Bloco

Patrícia iniciou colocando está extremamente feliz com os resultados dessa mesa. Perguntou a Claudia se as lideranças quilombolas estão de acordo com o que está na Lei.

Perguntou para Mesa a diferença entre identidade e pertencimento, disse que os conceitos ainda não ficaram claros para ela.

Disse para Luís que de fato os IFs têm um importante papel sob as temáticas em debate, mas que ainda estamos com um débito social muito grande com esses povos. Este evento vem justamente para tentar recuperar e minimizar o tempo perdido.

Ressaltou, ainda, ser muito bom saber que nas instituições cooptadas pelo movimento das classes hegemônicas têm profissionais que defendem os reais interesses desses povos e que é desafiador, é necessário ter coragem para está nessas instituições fazendo um movimento contrário.

Professor Pinheiro fez considerações sobre as origens (espaço territorial) indígenas no Ceará. Colocou, ainda, que as políticas integracionistas esvaziam as forças dos povos negros e indígenas. E que a língua como forma de identidade é desencorajada pelo detentor do poder.

REFLEXÕES REFERENTES AOS QUESTIONAMENTOS

Cláudia disse que as lideranças entram em contato com a legislação em encontros realizados pelo INCRA. Sente falta de se ter capacitação das lideranças para se ter um debate mais aprofundado das questões.

A identidade não é pronta e acabada, tem que haver pertencimento e aceitação da comunidade. Isso ultrapassa a palavra identidade.

Membros da Comissão Estadual de Quilombo Rural do Ceará – CEQUIRCE (José Renato e Aurila) estão tendo que trabalhar.

1º DIA - 18/06/2015 - Noite

- Troca de Experiências dos *campi* do IFCE

Exposição da temática na mesa coordenada por Hellenvivian de Alcântara, pelas: Professora Doutora Anna Érika Ferreira de Lima – campus Baturité; programadora Visual Gabriela Catunda Teles – campus Crateús e mestre em saúde coletiva e psicóloga Andréa Acioly Maia Firmo – campus Caucaia.

Anna Erika começou o relato as 18h38min:

Foto 16: Exposição Anna Érika (Baturité)



Fonte: Agebson Façanha

Ela falou:

- dos trabalhos do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI Baturité e a suas experiências e;
- os caminhos para implementação dos NEABIs de forma institucionalizada

Realizou uma apresentação de um vídeo: Fomento a cultura NEABI, que mostrou:

- um resumo do III Fórum Distrital de Educação: evento que aconteceu em agosto de 2014 e teve como objetivo identificar as perspectivas da comunidade interna e externa quanto à inclusão na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

O Fórum foi organizado pela Pró-Reitoria de Extensão do IFB, por meio da Coordenação de Educação Inclusiva e dos Núcleos de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas – NAPNEs, onde o foco era a acessibilidade, mas no evento foi abordado a necessidade de inclusão dos povos quilombolas e indígenas nas políticas de acessibilidade dos Institutos Federais.

- o Projeto Tecendo Redes (onde participavam do projeto estudantes de hotelaria)

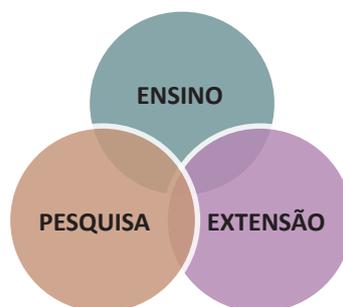
Eram atendidas 48 crianças com idades de 12 a 15 anos do quilombo da Serra do Evaristo.

- os primeiros trabalhos de Cartografia Social realizados na comunidade Quilombola Serra do Evaristo e na Aldeia Tremembé de Aratuba.
- a geografia dos Alimentos Tradicionais (Serra do Evaristo)
- NEABI Baturité: ENTRE PASSOS E PEGADAS

Começou com uma Trajetória/ Interesse pessoal da palestrante.

1. Que ingressou no curso de Geografia – UFC (2002)
2. Laboratório de Estudos Agrários e Territoriais – LEAT - UFC – Interesse pela terra.
3. Teses (2012 -2015)
4. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – CONSEA.
5. MAPEAMENTO com participação no grupo de estudo do Professor Dr. José Arimatéia B. Bezerra – UFC onde os temas investigados:
 - 5.1. Biodiversidade alimentar Ceará/ Piauí
 - 5.2. Alimentos Tradicionais – manifestação material e cultural
 - 5.3. Perspectivas do resgate dos alimentos tradicionais:
 - 5.4. Comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário é a origem da socialização.

- 5.4.1 alternativa para desenvolvimento econômico;
- 5.4.2 constituição de resistências culturais;
- 5.4.3 garantia da produção de gêneros alimentícios;
- 5.4.4 a mudança dos hábitos e a mídia.



- Curso de Segurança Alimentar (7 monitores; 3 bolsistas; 5 ouvintes)

Foram atendidos 40 alunos quilombolas e 40 alunos indígenas, teve apenas uma evasão durante todo o curso. A grade do curso foi idealizada pelos alunos.

- Primeiros Passos NEABI Baturité:

1. apresentação dos bolsistas e servidores;
2. reunião de planejamento com os bolsistas;
3. cenários dos projetos e
4. logomarca.



5. ações internas de formação e definição de comunidades;
6. grupo de estudo;
7. parcerias:
 - 7.1 Departamento de geografia UFC
 - 7.2 Prodema –UFC
 - 7.3 Universidade Federal de Goiás
 - 7.4 LEAT
 - 7.5 Laboratório de Cartografia - LABOCART
 - 7.5.1 Projeto cartografia social

Mapa como Instrumento de Poder = Potencialidades

Gabriela Catunda começa a apresentação de dados de Crateús as 19h13min:

Foto 17: Exposição de Gabriela (Crateús)

Fonte: Agebson Façanha

- Tribos indígenas que habitam Crateús: Kalabaça, Kariri, Potiguara, tabajara, Tupinambá.

Apresentação de um vídeo: Terra elemento de força

Ser índio na cidade, ser índio no sertão.

Invisibilidade das comunidades indígenas em Crateús.

Alguns relatos dentre eles:

“Minha mãe taí, é índia, mas eu não me envolvo nessas coisas.” - filho de liderança Potiguar

Andréa Acioly começa a apresentação de dados de Caucaia as 19h33

Foto 18: Exposição Andrea Acioly

Fonte: Agebson Façanha

Foto 19: Plenária de participantes

Fonte: Patrícia Freitas

Andréa expôs que ainda há pessoas que têm dificuldade de identificar sua etnia e que com isso, elas não têm acesso as políticas públicas afirmativas.

Em Caucaia, área metropolitana de Fortaleza, há registro de 9 comunidades quilombolas.

- Vivência de Ritmos afro-brasileiros

Após um dia longo de palestras e debates enriquecedores, o convidado (Marcello Santos do Grupo Caravana Cultural) iniciou os trabalhos com um vídeo reflexivo aos participantes que logo após foram convidados a deslocarem-se para um espaço mais amplo para realizar vivências de ritmos de característica de um país africano, além dos significados culturais dos passos na coreografia.

Antes de iniciar a atividades Marcello deixou os participantes à vontade para participar ou não da vivência, a qual exigia um processo de entrega individual. Colocou também que poderiam deixar a atividade quando sentissem que tinha chegado ao seu limite individual.

A equipe convidada para aplicar a vivência com o grupo que veio participar do evento era composta por três pessoas, dois tocadores de tambores africanos e o próprio orientador da coreografia.

Em decorrência de alguns imprevistos da extensa programação no primeiro dia, e de alguns atrasos em detrimento de vários fatores, a vivência teve início aproximadamente às 20h e seu termino quase às 22h. O grupo de participantes que colocou-se disposto a participar da vivência foi significativo cerca de

90% do público presente na quadra do IFCE Baturité e houve poucas desistências no decorrer da atividade, mais ou menos, 5% sendo que apesar do avançar da hora, muitos se mostravam interessados em continuar com vivência.

Marcello passou ao grupo vivências nos seguintes ritmos africanos oriundos da Nigéria: Ijexá¹, Ilú² e Adarrum³.

Foto 20: Grupo preparando-se para iniciar a vivência



Fonte: Agebson Façanha

¹ O Ijexá, dentro do Candomblé é essencialmente um ritmo que se toca para Orixás, Oxum, Osain, Ogum, Logum-edé, Exu, Oba, Oyá- Yansan, Oxalá, xangô, Oxumare, yewa, nanã, Iemanjá, odé (oxossi), osayn, omúlu. Ritmo suave mas de batida e cadência marcadas de grande beleza, no som e na dança. O Ijexá é tocado exclusivamente com as mãos, os aquidavis ou baquetas não são usados nesse toque, sempre acompanhado do Gã (agogô) para marcar o compasso. O Afoxé Filhos de Gandhi da Bahia, é talvez o mais tenaz dos grupos culturais brasileiros na preservação desse ritmo. O Afoxé Filhos de Gandhi basicamente só toca Ijexá e assim ele se mantém vivo. Herança de África, viva aqui na Latinamérica.

² substantivo masculino. designação genérica de atabaque. “nos candomblés, o alabê também se chama ogã i.” em alguns candomblés, o atabaque de maior tamanho (rum). nos candomblés de rito ijexá, certo tambor de duas membranas, presas por cordas, que se toca com varetas.

³ substantivo masculino. nos candomblés, toque de atabaques e agogô, em ritmo rápido, contínuo e uníssono, que tem o poder de invocar os orixás, determinando sua incorporação nas filhas de santo.

No final, após o experimento do grupo em duas apresentações os/as participantes foram convidados/as (sentados no chão, após exercício de respiração) a partilhar as experiências que tiveram no decorrer da atividade. Foi dada a oportunidade de cada um em sua vez relatar como a vivência contribuiu de forma positiva para si.

2º DIA - 19/06/2015 - Manhã

No dia anterior havia sido acordado com o grupo que o ônibus passaria nos três hotéis que tinham participantes hospedados e em seguida no campus de Baturité, de onde se deu a saída por volta de 7h30 para a Comunidade Kanindé Aratuba, onde chegamos por volta de 9h. No total havia 60 pessoas, sendo 46 pessoas no interior do ônibus e mais 14 distribuídas em três veículos automotores.

Desembarcamos em um ponto na Serra Fernandez, depois da cidade de Aratuba, e descemos andando até o ponto onde encontraríamos as duas adolescentes que nos guiaria até a comunidade, passando pelos seguintes pontos: Associação, Escola Indígena, Museu e por último o Centro de Artesanato.

Foto 21: Associação indígena



Fonte: Patrícia Freitas

Foto 22: Escola indígena



Fonte: Gabriela Catunda

Foto 23: Escola indígena



Fonte: Gabriela Catunda

Foto 24: Museu indígena

Fonte: Gabriela Catunda

Foto 25: Centro de artesanato indígena

Fonte: Gabriela Catunda

As adolescentes eram Ana Letícia (13 anos de idade do 8º ano) e Shaliane (13 anos de idade do 8º ano). As duas estudantes da escola indígena identificam-se como indígenas e em uma das falas Letícia afirmou: “sou indígena, por que conheço a cultura indígena e me identifico, e posso ser quem realmente sou”.

O cronograma que a comunidade havia idealizado estava previsto para o dia inteiro de atividades finalizando com uma trilha até Quebra Faca (ponto alto da serra) para podermos apreciar o pôr do sol, todavia em decorrência da visita ao quilombo no período da tarde a visita teve que ser reduzida. Então, o itinerário concentrou-se nas visitas a Associação Kanindé Aratuba, Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, Museu Indígena Kanindé e o Centro de Artesanato.

Quando descemos até a associação o cacique Sotero (72 anos) estava esperando para recepcionar o grupo, onde repassou as primeiras orientações dos trechos a serem visitados e colocou-se à disposição para tirar dúvidas e esclarecimentos.

A Associação Kanindé Aratuba é um ponto de encontro da comunidade com as lideranças indígenas, onde são discutidas as questões relacionadas à Aldeia. Na escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, sendo orientado pelo cacique, o mesmo mostra uma solução aquosa (água e alfavaca) que segundo ele passou por um ritual de purificação, e pode molhar os braços ou testas. O cacique Sotero deixou as pessoas visitantes à vontade para utilizarem ou não, demonstrando respeito a religiosidade dos presentes.

A instituição oferta nos turnos diurno e vespertino ensino fundamental e médio, respectivamente, oferecendo fardamentos para todos os alunos e professores qualificados que atendam ao perfil específico dos alunos.

A estrutura da escola é ampla, tem várias salas, com rampa acessível para pessoas com mobilidade reduzida, sendo o térreo salas de aula e diretoria, além da sala de AEE (Atendimento Educacional Específico) que são próximas, tal sala atende cerca de 11 pessoas com deficiência no contra turno dos alunos e até algumas pessoas que não são alunos. No 1º andar tem mais salas de aula, e no térreo tem também um pátio com espaço para convivência.

Em relato, o indígena Cícero Pereira que cursou o EJA e aprendeu a ler, e é professor não de formação, mas de experiência de vivência mencionou viver em dificuldade com a discriminação e a falta de conhecimento da sociedade e que seu objetivo atual é deixar descendência para quando os líderes não estiverem mais entre a comunidade, como relata: “A cultura indígena não acaba, todo dia tem algo para aprender”. Por isso, o cacique tem uma proximidade com a natureza e as experiências adquiridas em conversas com a mãe terra, “uma das fontes de preservação da cultura, fazendo com que os jovens identifiquem-se com sua comunidade”, disse o mesmo.

No Museu Indígena Kanindé com estrutura interna toda caracterizada pela cultura indígena, havia jornais de registros históricos com o enfoque na comunidade, com reportagens tratando dos seguintes temas: matança dos índios; luta de reconhecimento; formação indígena e abertura do museu em questão no ano de 1995, também havia documentos de propriedade das terras, como materiais utilizados para caça e subsistência da vida cotidiana, por exemplo: pedra para pintura rupestre, e alguns animais empalhados demonstrando a variedade de alimentos derivados da caça, ainda protegido por uma estrutura de vidro a dissertação da história completa da tribo indígena kanindé Aratuba pelo pesquisador da UFPB Alexandre Gomes.

No centro de artesanato indígena têm duas salas, uma é a oficina que desenvolve trabalho com madeira, cuja família do cacique responsável é especialista neste ofício. Na sala havia equipamentos elétricos com serra e furadeira, e na outra sala produtos resultados do artesanato manual como bolsas, panos, colares e etc.

Na Comunidade Indígena Kanindé Aratuba existem três aldeias, uma perto de Canindé na Aldeia Cameleira, e as outras duas nas proximidades do maciço do Baturité, que são as comunidades indígenas da Serra Fernandez e Balança, ambas as aldeias têm casas construídas com base em tijolos, água encanada e sistema de esgoto estabelecido por fossas sépticas, rede elétrica e internet.

Apesar das duas aldeias serem próximas (Fernandez fica no alto da serra e Balança localiza-se em um vale) para se morar na Serra Fernandez tem que ter autorização e na Aldeia Balança não precisa ter autorização, portanto a luta ainda é pelo reconhecimento da terra.

A última visita para alguns foi ao Centro de Artesanato, pois o grupo teve que ser dividido pelo avançar da hora e os compromissos firmados no período da tarde. Terminamos a visita com um atraso considerável devido ao interesse do grupo inteiro em conhecer com propriedade os aspectos culturais e históricos da Aldeia, retornando para os transportes próximo das 13hs e chegando para o almoço no restaurante às 14h e, logo em seguida, seguimos para a comunidade quilombola.

Foto 26: Parte do grupo durante a trilha



Fonte: Gabriela Catunda

A chegada ao segundo ponto de visitação (Serra do Evaristo) teve algumas dificuldades quanto ao acesso à comunidade, pois os motoristas do IFCE Baturité nos advertiram quanto ao caminho até o ponto de encontro, um trecho de 10 km de subida íngreme, sem asfalto com partes do terreno irregular e a estrada estreita em sua grande parte, tendo um precipício nas bordas, dos pontos mais altos tinha uma visão incrível de toda a serra e vale.

Como o ônibus, pelas suas dimensões, e a estrutura do terreno inviabilizavam o traslado e, principalmente, o trecho de acesso, o IFCE de Baturité disponibilizou microônibus para realocarem os visitantes e a subida até certa altura do percurso ser viável. Todavia com estes veículos menores não se tinha força suficiente para chegar até a comunidade quilombola, então carros com tração mais potente levaram os demais em algumas viagens até a comunidade, com toda essa logística, não prevista pela comissão, chegamos ao quilombo às 16h e fomos direcionados a associação comunitária.

Na associação com todos os presentes acomodados (além dos visitantes havia membros da comunidade presentes para nos recepcionar), as lideranças deram início com um poema sobre os aspectos históricos do quilombo e as lutas pela conquista da terra.

Foto 27: Exposição de Evandro-líder quilombola



Fonte: Gabriela Catunda

A comunidade Serra do Evaristo tem cerca de 130 famílias com economia de subsistência, construída em sobreposição de culturas, pois tem um sítio arqueológico- o cemitério indígena. Durante anos da ocupação do território eram observadas estruturas circulares (as bocas de urnas funerárias), e pelo o desconhecimento da população diversas urnas foram destruídas até que um morador da região assistiu a um episódio de quando um carro passou por cima de uma destas urnas e destruiu. Ele foi investigar o que havia em seu interior e percebeu que tinha fósseis de seres humanos, isso em 2008. Depois chamaram o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –IPHAN e desde o descobrimento passou-se a estudos, catalogação e proteção e em 2011 construíram um memorial para preservação dos achados e colocaram à exposição para visitas.

As fases de reconhecimento da comunidade quilombola deu-se em Julho de 2007 com a solicitação oficial da identidade quilombola e o movimento negro junto a – União de Negros pela igualdade -UNEGRO. Desde modo para reforça a lutas de direitos e garantia dos mesmos, houve a reforma do estatuto da associação quilombola e o reconhecimento pela Fundação Palmares.

Portanto, a comunidade da Serra do Evaristo e o IPHAN publicaram o edital para a terceirização em formato arqueosocio, ou seja, a escavação deveria ser acompanhada de técnicos especializados e a população do território, seguindo o formato de capacitação em arqueologia para alguns moradores que demonstraram ter

interesse pelo ofício, com recurso de 250 mil reais para a realização dos trabalhos, a capacitação e a construção e preservação do museu.

No sítio arqueológico da região tem um espaço amplo de mata fechada e com terreno íngreme, segundo moradores a área investigada é pequena em comparação com a dimensão da serra, podendo haver várias informações sobre o povo indígena que habitavam aquele local, portanto se ampliassem a área de atuação poderia ter mais achados e material de estudo e pesquisas. Na escavação retiraram 80 cm de profundidade para fazer o teste de investigação da idade da terra, o teste químico com carbono 14 e pólen, sendo obtido desta análise o resultado de 700 anos que os indígenas habitavam, entretanto outros estudos de mais profundidade não foram realizados, caso os testes fossem repetidos com mais profundidade poder-se-ia demonstrar uma idade ainda maior, pois até 80 cm foi possível achar vestígios de civilização como as peças artesanais, por exemplo: panelas e machados.

Apesar de todas essas revelações a comunidade quilombola, ainda não tem a dimensão exata da importância destes achados para a comunidade e sua vida, pois alguns membros da comunidade têm a percepção que não passa de um “pote enterrado”, contudo a associação tem um trabalho de informar e dar ciência e não de força uma aceitação comunitária.

Sobre as urnas funerárias dos indígenas, segundo os estudos, havia duas formas de sepultamento a primária que ocorria com mais frequência neste território, e a secundária de outras comunidades indígenas, basicamente seria um sepultamento para pessoas comuns e a outra para autoridade.

O Eco museu é focado no território com o objetivo de contextualizar a história relacionando com os achados, tendo uma proximidade mais íntima com os aspectos de vivência dos habitantes do período visitado, e não somente levar os artefatos para um local para visita. No formato de eco museu conduz os observadores a refletir e respeitar as comunidades que vivem nas localidades. Neste formato de museu comunitário as decisões são tomadas no coletivo, por exemplo: as visitas são obrigatoriamente pré-agendadas para não mexer com a rotina dos moradores.

As pesquisas sobre a Serra do Evaristo são recentes, têm entre 12 a 15 anos, na qual as abordagens para obter mais informações a respeito da história têm sido consultando as pessoas mais velhas, buscando relatos e arquivando. Antes a história era passada na oralidade, agora em conjunto com a juventude estão realizando estes trabalhos.

O quilombo atualmente preserva a característica de sobreposição de culturas, ou seja, têm habitantes de gerações de negros, indígenas e brancos, portanto o NEABI's pode fortalecer a identidade local.

A comunidade quilombola na concepção atual é entendida não pela percepção da cor da pele, mas pelos aspectos legais de identificação, principalmente aqueles que têm um histórico de repressão e negação dos direitos.

Os membros da associação relatam que manter a tradição é algo difícil e entre os desafios está manter a tradição na identidade dos jovens, pois estes quando iniciam sua vida escolar fora da comunidade entram em choque cultural, retornando para suas casas e convívio familiar com mudanças significativas de postura, mas os processos de resistência da influência externa é trabalhado dentro da comunidade, tentando coloca em evidências os aspectos da região que estes jovens estão inseridos, por exemplo: as rezadeiras e bezendeiras que são personagens ativas dessa história.

Após a apresentação os membros da associação responderam algumas perguntas dos presentes e em seguida cedeu espaço para o IFCE discutir com os presentes os encaminhamentos do evento.

Em detrimento dos atrasos ocorrido pelas mudanças de transporte e o terreno de acesso a Serra do Evaristo, tivemos que decidir se continuaríamos o cronograma com a visita ao museu quilombola ou

retornaríamos para o IFCE Baturité, ou se faríamos a visita ao museu e, mesmo com o avançar das horas, iríamos retornar para o instituto para tirar os encaminhamentos. E a maioria optou por visitar o museu e concluir os trabalhos de encaminhamentos no campus de Baturité.

Foto 28: Associação Quilombola



Fonte: Patrícia Freitas

Foto 29: Material exposto no museu



Fonte: Guilherme Júlio (autorização de liderança da comunidade)

Foto 30: Material exposto no museu



Fonte: Guilherme Júlio (autorização de liderança da comunidade)

Vale apresentar, por fim, alguns registros fotográficos de momentos e imagens que ficarão marcados nas lembranças dos/as participantes dessas visitas.

Foto 31: Diálogos /interação



Foto 32: Material informativo

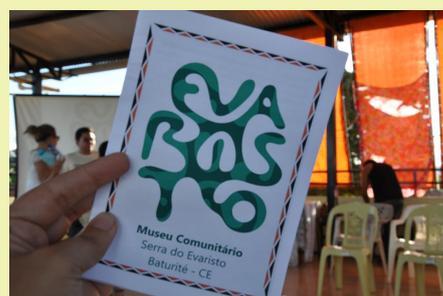


Foto 33: Momentos de relatoria



Foto 34: Servidores do IFCE, participantes externos e membros da comunidade quilombola



Fonte: Gabriela Catunda

Ao final de nossas longas andanças, chegamos finalmente ao lugar. E o vemos então pela primeira vez. Para isso caminhamos a vida inteira: para chegar ao lugar de onde partimos. E, quando chegamos, é surpresa. É como se nunca o tivéssemos visto. Agora, ao final de nossas andanças, nossos olhos são outros, olhos de velhice, de saudade.

Rubem Alves

2º DIA - 19/06/2015 - Noite - Encaminhamentos

Após retornarmos da visita ao quilombo voltamos para o campus de Baturité onde fomos recebidos com o lanche e, logo após, direcionados para o auditório para darmos continuidade aos trabalhos. Na coordenação dos encaminhamentos tivemos Agebson Façanha que iniciou sua fala apresentando alguns pontos importantes para direcionar e facilitar os encaminhamentos.

Foto 35: Agebson coordenando o momento dos encaminhamentos



Fonte: Patrícia Freitas

Agebson Façanha começou sua fala provocando a plateia com o questionamento: O que vamos levar para os campi de tudo que foi visto? A resposta veio de uma das participantes do evento, “A instituição passa a ver de outra forma as comunidades.” Também perguntou se alguém tinha algum questionamento sobre os relatos de experiência que ocorreram na tarde anterior?

Perguntas:

1ª Qual a origem dos NEABIs?

- Agebson Façanha respondeu que a criação dos NEABIs se deu através da SETEC entre 2011 – 2012 e depois eles colocaram para os institutos as questões relacionadas à inclusão.

2ª Existe algum documento do MEC em relação aos NEABIs?

- Agebson Façanha respondeu que existem cinco regimentos sobre os NEABIs de outros estados. Esses regimentos vão ser repassados por e-mail para os interessados, enfatizando que a política vem da SETEC.

Ainda segundo Agebson Façanha no ano passado foram reunidos coordenadores dos diversos campi para discutir o andamento das ações e segundo Anna Erika que também participou do evento já existe um “boneco”, um pré-modelo que funciona atualmente em Baturité.

Agebson Façanha relata que em novembro de 2014 começaram os levantamentos na área (quais os

campi que apresentavam essas comunidades a seu redor que se reconhecem como indígenas ou quilombolas e se existia algum trabalho com essas comunidades?). Apenas 10 campi responderam. Durante esse tempo foi feito pela equipe de coordenação do evento uma série de estudos para elaboração do próprio evento e para subsidiar ações futuras. Uma dificuldade enfrentada no levantamento foi que algumas das respostas não muito claras aos questionamentos feitos.

A apresentação (em Power Point) de autoria da assistente social Patrícia Freitas da PROEXT e apresentada por Agebson Façanha foi intitulada: Formação dos NEABIs nos campi mostrou o cenário das ações indígenas e quilombolas no IFCE como um dos primeiros pontos a ser discutido.

Na apresentação, Agebson expôs os campi que responderam ao questionário enviado em 2014 e início de 2015: Maracanaú; Baturité; Crateús; Juazeiro do Norte; Umirim; Ubajara; Canindé; Camocim; Aracati e Tianguá. Apresentou, também, os campi localizados em regiões com comunidades quilombolas (dados do INCRA), foram elas: Aracati- Córrego de Urbaranas; Baturité- Serra do Evaristo; Caucaia- Boqueirão, Cercadão do Dicitas, Porteiras, Serra do Juá, Caetanos e Capuan; Crateus- Queimadas; Quixadá- Sítio Veiga e em Tauá- Consciência Negra. E de acordo com os dados do MDS: Fortaleza (têm 8 comunidades); Iguatu (1 comunidade), Jaguaribe (1 comunidade), Morada Nova (1 comunidade), Quixadá (1 comunidade), Sobral (9 comunidades), Tauá (2 comunidades), Tianguá (1 comunidade), Ubajara (1 comunidade), Baturité (1 comunidade), Canindé (1 comunidade), Crateús (4 comunidades). Sendo que apenas os Campi de Juazeiro do Norte, Umirim, Camocim e Aracati responderam ter essas comunidades.

Os mesmo levantamentos foram feitos em relação às comunidades indígenas. Dessa forma os campi localizados em regiões com povos indígenas foram: Crateús – Potyguara; Maracanaú – Pitaguary; Caucaia- Tapeba, outros que responderam ter: Juazeiro do Norte, Crateús, Umirim, Ubajara, Camocim, Tianguá.

Outro resultado importante do questionário exposto durante a apresentação foi dos campi vinculados a grupos de pesquisa na área (comunidades indígenas e quilombolas): Baturité- GUEST; Juazeiro do Norte- GPDHAFES - Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Humano, Atividade Física, Exercício e Saúde; Umirim- Inovação e Sustentabilidade na Agropecuária; Ubajara- Alimentos, hospitalidade e lazer; Canindé- Grupo de Estudos de Geografia, História e Turismo e Camocim- QUASAR.

O Foco de atuação dos campi também foi socializado na apresentação: Baturité: Desenvolve Pesquisa e Extensão; Caucaia- Diagnóstico participativo com as comunidades; Crateús: Extensão numa perspectiva cultural; Camocim- Cursos; Tianguá- Diagnóstico. Outro dado importante exposto foi retirado do Q' acadêmico, o número de estudantes autodeclarados indígenas no ano de 2014 nos campi de: Fortaleza; Cedro; Maracanaú; Quixadá; Sobral; Limoeiro do Norte; Iguatu e Tauá. Um dos participantes do Campus Cedro questionou se os dados eram validos? Pois segundo ele no campus Cedro não existe estudante indígena.

Anna Érika colocou que não necessariamente os núcleos (NEABIs) vão atuar com as comunidades indígenas e quilombolas diretamente, pois o importante era estudar sobre essas comunidades que são invisíveis para o restante da sociedade. Entretanto, Carminha de Acaraú ressaltou que o importante era não ser apenas um núcleo de estudos, mas ter uma ação efetiva, tentar dialogar com as comunidades a fim de sanar algumas queixas e necessidades que elas tivessem.

Patrícia coloca a necessidade da parceria entre pesquisa e estudos a fim de termos ações efetivas, pois muitas vezes não é que não exista estudante indígena ou quilombola e sim o acontece o não reconhecimento. Por isso, a pesquisa (levantamento e diagnóstico dos campi) é importante.

Agebson mais uma vez lança para a plateia um questionamento: O que fazer ao chegar no campus? Posteriormente já tinham sido elencados alguns pontos:

1º Socialização do encontro;

2º Busca de interessados/as. Nesse ponto Agebson ressalta a importância dos estudantes no processo, pois são eles que dão suporte aos NEABIs e a necessidade de capacitar os servidores para fomentar o trabalho dos núcleos.

3º Criação de portaria (articulação com direção). Nesse aspecto tivemos como encaminhamento a elaboração de nota técnica via PROEXT orientando os campi a criarem portaria para os NEABIs. Agebson também esclarece que a portaria irá ser de acordo com o campi, respeitando as diversidades e que o regimento será geral para todos os campi.

4º Formação e/ou fortalecimento de grupos de estudos. Nesse ponto uma das participantes ressaltou que os NEABIs proporcionaram a efetivação das leis de inclusão.

5º Levantamento de discentes no campus;

6º Diagnóstico das comunidades e entidades.

7º Elaboração de um plano de atuação que articule ensino, pesquisa e extensão, pois os NEABIs requerem e articulam este tripé.

8º Criação de Comissão para elaborar Regimento para NEABIs. A comissão foi formada por pessoas que se dispuseram naquele momento sob a concordância dos demais participantes, quais foram: Anna Erika- Baturité; Ana Cristina- Crateús; Flávia de Carvalho- Umirim; Emerson de Melo- Acaraú; Danielle Rodrigues- Cedro; Andréia Acioly- Caucaia; Aliny Guerra- PROEXT e Maria Aline- Fortaleza. Possíveis suplentes: Willian Felipe- Cedro; Enilci Lima- Umirim; Natal Lania- Fortaleza e Maria do Carmo- Acaraú.

Perguntas:

1ª O Diretor do Campus Baturité pediu explicação sobre a base dos NEABIs.

- Agebson respondeu que o núcleo faz parte dos programas da SETEC.

2ª Patrícia questionou se a portaria irá ser antes ou depois do regimento?

- Agebson respondeu que poderá ser criada antes do regimento e depois será atualizada.

O encerramento foi com os agradecimentos da equipe de coordenação aos participantes pela presença e empenho durante os dois dias de intensos aprendizados, agradecimentos da professora Anna Erika aos seus alunos que participaram da organização do evento no campus com tanto empenho e a parceria realizada com a PROEXT com uma equipe muito comprometida e inteirada dos processos e a fala do diretor do campus agradecendo e colocando sua satisfação em está recebendo o evento.

Foto 36: Grupo de estudantes- apoio a organização do evento



Fonte: Patrícia Freitas

3 - AVALIAÇÃO PELOS PARTICIPANTES

Ao final do encontro a equipe de organização do evento solicitou aos participantes que respondessem o instrumental de avaliação. Enviamos por e-mail o *link* para o armazenamento das repostas no *google drive*. Responderam ao instrumental de avaliação 29 das 206 pessoas que passaram pelo evento (apenas 13,5%). Os *campi* respondentes foram: Baturité, Fortaleza, Canindé, Jaguaribe, Cedro, Crato, Acaraú e Aracati (8 dos 16 *campi* que enviaram representações, totalizando 50% de participação dos *campi* na avaliação).

Com relação à divulgação e organização do encontro a maioria (14 pessoas) considerou ótima, mas nos comentários foram feitas algumas observações como: “Acredito que ainda poderia ter sido mais amplamente divulgado, assim como uma maior e mais adiantada divulgação proporcionaria uma maior mobilização”. “No campus Cedro, algumas pessoas ficaram sabendo do evento, outras não”. “Somente fiquei sabendo do evento pela coordenadora de extensão, na quinta feira anterior ao evento”. “A limitação de vagas por campus foi um fator negativo, pois impediu que mais pessoas interessadas participassem. Sabemos da dificuldade financeira do IF neste ano de 2015, porém sinto necessidade em afirmar isso para que nos próximos anos isso seja levado em consideração”. “Só fiquei sabendo do evento através de uma amiga, embora houvesse informativos espalhados no campus. Era pra terem fornecido informações mais precisas”. Foram colocados também elogios a equipe como: “O informativo para cada campus foi uma excelente estratégia de previsibilidade dos quantitativos previsto para os dias de realização do evento”.

Gostei bastante do Evento, achei que foi bem organizado e elaborado (principalmente levando-se em consideração o atual contexto financeiro do IFCE) foi muito importante o conhecimento prático da realidade indígena e quilombola, e foi um ótimo momento para troca de experiências, novos conhecimentos e novas amizades. (Fala de participante do evento)

Gráfico 1: Divulgação e Organização do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



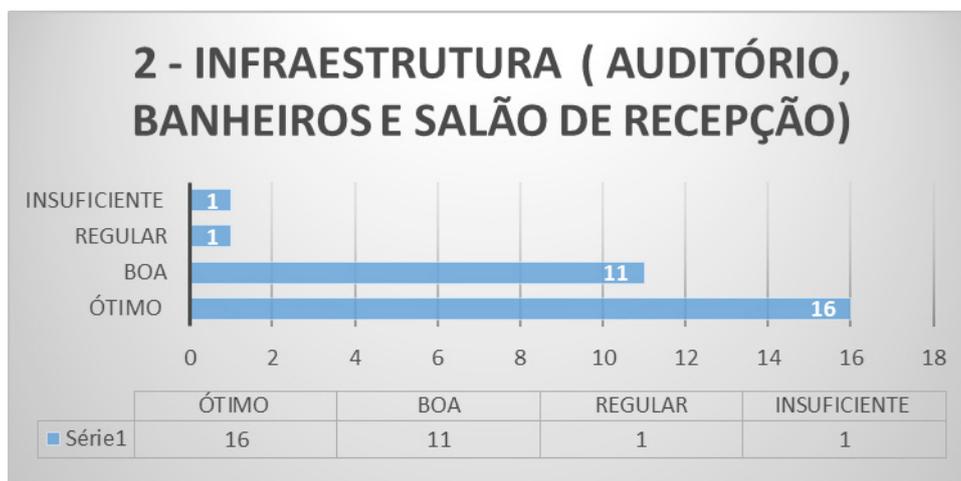
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Sobre a infraestrutura, a maioria avaliou como ótima (16 pessoas), dez (11 pessoas) como boa, uma como regular e outra como insuficiente. As observações foram referentes a vivência dos ritmos afro-brasileiros que não foi em local apropriado e ao transporte dos participantes do evento na visita à comunidade quilombola. “Apenas a vivência de ritmos afro-brasileiros foi desenvolvida em um lugar não preparado para a atividade”. “O campus possuía os espaços necessários à realização do evento, somente houve dificuldades na mesa montada para o café da manhã de chegada”. “Quanto à parte dos espaços do campus, estava tudo

adequado, porém as visitas a campo realizadas em carros sem estrutura para transportar todos criaram situações de risco, o que não deveria ocorrer.”

Foram tecidos elogios como: “A infraestrutura foi suficiente para atender a demanda, bem como a logística pensada para levar os servidores para os hotéis e restaurantes são aspectos que merecem ser elogiados”. “Acredito que o IFCE campus Baturité fez tudo o que estava ao seu alcance e muito mais do que era possível para proporcionar esse evento”. “Acredito tanto o campi em si, assim como o que fora montado para a nossa recepção foi de excelente qualidade”. Vejamos o gráfico:

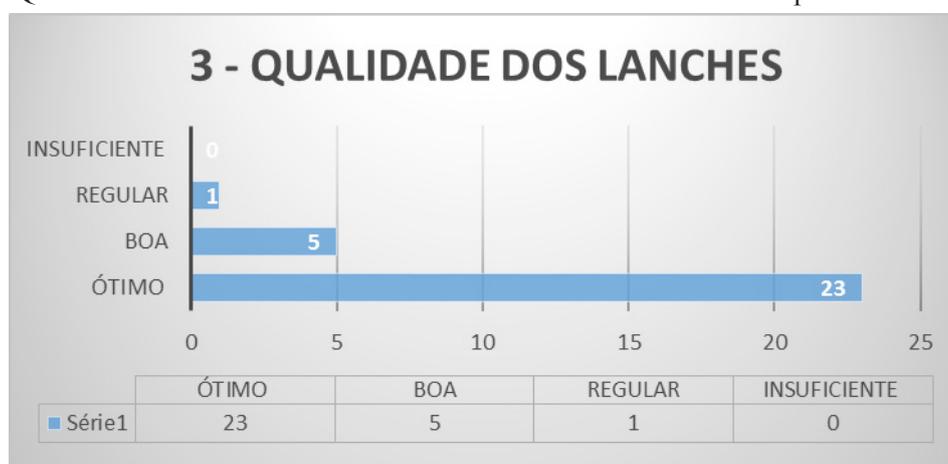
Gráfico 2: Infraestrutura (auditório, banheiros e salão de recepção) do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Quando questionados sobre a qualidade dos lanches 23 pessoas responderam que estavam ótimos, 5 pessoas que estavam bons e apenas uma considerou regular. Nos comentários colocaram apenas elogios “Quantidade e qualidades dos lanches excelentes, com uma variedade dos produtos alimentícios, possibilitando assim atender um público que tem algumas restrições alimentares”. “A qualidade da alimentação estava ótima, bem como a simpatia e a receptividade dos envolvidos na hora do lanche”. “Tudo servido quentinho e muito saboroso”. O Gráfico abaixo possibilita visualizar a satisfação dos/as participantes sobre o tópico referido.

Gráfico 3: Qualidade dos Lanches do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Sobre a organização e execução das atividades propostas a maioria (14 pessoas) respondeu que foi ótima, mas ressaltaram algumas falhas como a questão dos imprevistos que conseqüentemente atrasaram a programação do evento e tempo de duração do evento foi pouco para a quantidade de atividades propostas. “Houveram imprevistos que comprometeu as realização de algumas atividades no cronograma estabelecido, desta forma comprometendo o rendimento nas atividades seguintes”. “Só não avalio como ótimo devido à inclusão de última hora de uma atividade que não estava prevista e que atrapalhou o andamento do final do evento”. “Começou um pouco tarde”. “Muitas atividades pra poucos dias.” “Falta organizar melhor o tempo durante as palestras”.

Considereei a organização e execução das atividades BOA, pois poderia ter sido melhor, se houvesse a possibilidade do evento ter acontecido em pelo menos três dias, acredito, que o aproveitamento teria sido melhor; entretanto, em vista, das condições financeiras, como já coloquei anteriormente, acho que foi o melhor que podia ter sido feito dentro das condições atuais. (Fala de participante do evento)

Acredito que o tempo em que se planejou realizar as atividades acabou por deixar a desejar, na medida em que alguns momentos acabaram comprometidos e não tiveram a adesão de todos devido mesmo ao cansaço. Embora devo salientar todas as atividades tenham sido riquíssimas em contribuições. (Fala de participante do evento)

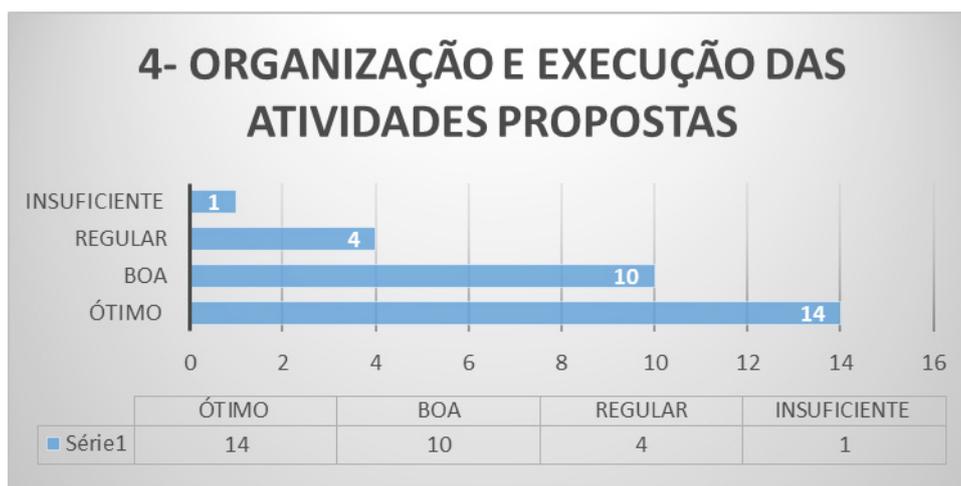
No gráfico podemos ver que 4 pessoas consideraram como regular e apenas uma como insuficiente. Os que consideram regular e insuficiente justificaram que os atrasos na programação assim como o tempo restrito prejudicaram organização e execução das atividades propostas.

A proposta das atividades e debates foram, sem sombra de dúvida, fantásticas, no entanto, a organização dos horários, considerando o volume de atividades comprometeu o andamento e aproveitamento das mesmas, pois ficou muito cansativo. O ideal seria que tivéssemos mais dias e com os trabalhos de visitas as comunidades em dias diferentes. (Fala de participante do evento)

Atrasos de mais de duas horas não são exatamente bem vindos, além disso, houve uma quantidade de atividades excessivas para o tempo proposto de evento, isso implicou na falta de aprofundamento de algumas atividades e não realização de outras, como por exemplo, esta avaliação e as visitas que foram feitas às comunidades indígena e quilombola, que acabaram ocorrendo de modo superficial. (Fala de participante do evento)

Algumas atividades não tiveram tempo suficiente para o debate. A grande carga de atividades tornou o evento cansativo, pois, para a maioria dos participantes o tema suscitou dúvidas sobre conceitos que não tiveram a possibilidade de serem melhor trabalhados. (Fala de participante do evento)

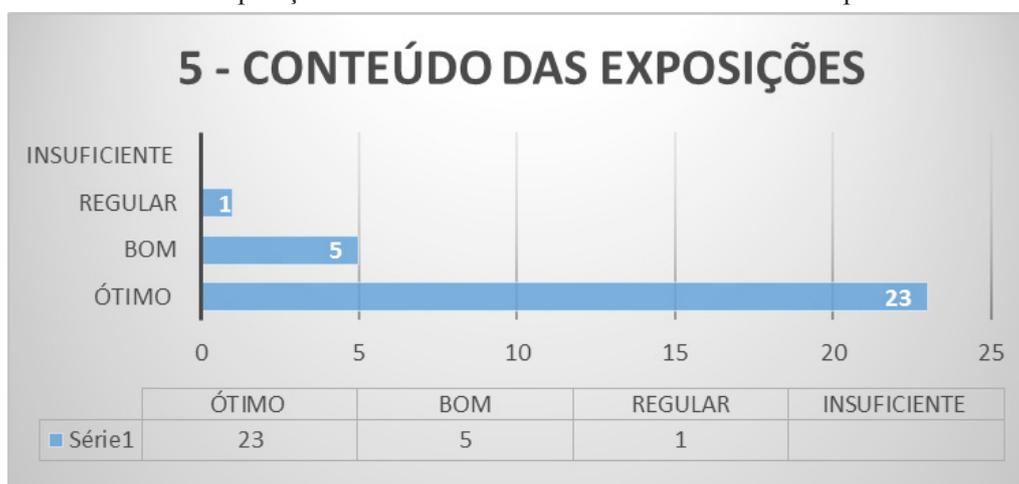
Gráfico 4: Organização e Execução das Atividades Propostas do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

No que se refere aos conteúdos expostos, à maioria dos participantes (23 pessoas) consideraram ótimos, 5 consideraram bom e apenas um regular, teceram muitos elogios aos palestrantes assim como fizeram algumas observações. A principal crítica, mais uma vez, foi em relação ao tempo restrito. “Excetuando-se a fala da moradora quilombola todas as outras acrescentaram bastante ao entendimento acerca das realidades em questão. Muito bem escolhidas as entidades e os representantes”. “Excelente, habitualmente tenho participado de eventos que não têm resultados concretos e não saímos com encaminhamentos pontuais e aplicáveis. Este me surpreendeu”. “Pelo tempo restrito, não foi possível trocar figurinhas presencialmente com os palestrantes, o que pra mim foi negativo”. “No caso específico do representante da FUNAI, considero que não houve preocupação por parte do indigenista de sistematizar sua apresentação”. “Considero que o evento proporcionou uma visão geral a respeito do tema proposto, para aqueles que não haviam se apropriado da temática, e ainda uma boa aprofundação para os que já estavam mais envolvidos com o assunto”. “Palestrantes de alto nível”. “A busca pela pluralidade de debates salientando um respeito às alteridades fora de suma importância para as mais variadas trocas e embates”.

Gráfico 5: Conteúdo das Exposições do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Referente à didática 16 participantes responderam que foi boa, 12 que foi ótima e apenas um respondeu que foi regular. Nenhum dos participantes deixou comentários a respeito.

Gráfico 6: Didática do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Com relação à aquisição e troca de conhecimentos e experiências a maioria (20 pessoas) afirmaram que foi ótima, 6 responderam que foi boa, 2 regular e apenas um considerou insuficiente. Nos comentários as observações giraram em torno dos elogios em relação a vivência e ao pouco tempo para as trocas de experiências, deixaram também sugestões para os próximos encontros como maior tempo para intervenções na plenária e espaço para eixos temáticos. “Apesar do tempo corrido, houveram momentos que proporcionaram ricas trocas de experiências”. “Boa, no entanto, às vezes aceleradas pelo excesso de atividades. Em alguns momentos ficou cansativo”. “Poderia ter sido feito por eixos temáticos aproveitando a presença dos palestrantes”. “O tempo de apresentação dos integrantes da mesa poderia ter sido um pouco menor, possibilitando ampliar a participação da plenária”. “Foi ótima a troca de conhecimentos e experiências, a vivência prática foi primordial para o real significado do evento, e assim promover a sensibilização que acredito seja o mais importante”. “Penso que devido à falta de tempo, a troca de experiências deveria ter sido aprofundada nos locais das sedes das comunidades e isto não ocorreu. Teria sido riquíssimo ouvi-los falar de toda sua história e experiência de luta”.

Os debates por meio das perguntas ao final das mesas e a vivência no primeiro dia e no trabalho de campo foram os momentos que essa troca de conhecimentos foi possível. Noutra oportunidades seria interessante que se pensasse momentos de troca por meio da construção coletiva em grupos menores. (Fala de participante do evento)

Como foi idealizado de forma que no primeiro dia uma construção de fundamentação teórica quebrado alguns mitos e paradigmas com relação ao trabalho e as comunidades, e no segundo dia uma vivência em locus para ter uma intimidade com os assuntos que foram tratados no dia anterior, unindo teoria e prática. (Fala de participante do evento)

Gráfico 7: Aquisição e Troca de Conhecimentos e Experiências do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



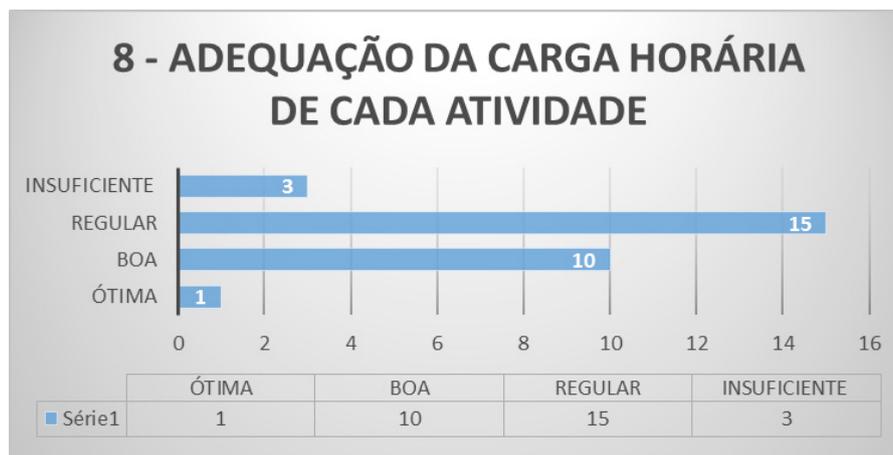
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Ao que concerne à adequação da carga horária de cada atividade 15 participantes disseram ter sido regular, 10 disseram que foi boa, 3 insuficiente e apenas um considerou ótima. Teceram várias considerações a respeito do curto tempo de duração do evento, aos atrasos na programação, assim como maior tempo para a vivência. “É preciso considerar o atraso, principalmente quando os transportes saem de suas origens no mesmo dia do evento. O atraso dificultou a finalização do evento, pois muitos dos presentes tiveram que ir embora”. “Acredito que poderíamos ter tido mais tempo para as atividades de campo”. “As visitas à comunidade indígena e a comunidade quilombola, se tivesse sido destinado tempo maior, teria sido ótimo”. “As atividades não ocorreram no horário programado, algumas delas ultrapassaram a hora prevista”. “O tempo destinado às visitas, contando traslado e atividades, acabou sendo insuficiente para maior aproveitamento da programação”. “Muitas atividades, bons conteúdos, mas o pouco tempo comprometeu a execução de alguns momentos”. “Palestras com tempo muito corrido. Muitas atividades para apenas 02 dias, poderia ter sido pensado em dois dias”.

Pela questão dos temas, dois temas com a gama de especificidades de cada um, talvez para o próximo evento pudéssemos pensar em três dias, assim acredito que seria mais interessante e mais puxado, melhorando deste modo a produtividade. (Fala de participante do evento)

Era muito conteúdo e muita atividade para pouco tempo. Não considero que deveria ter sido comprimida a programação, mas sim deveria ter sido feita em mais dias e com mais tempo para usufruirmos de tudo com maior proveito. O assunto é de grande relevância para o IFCE e acredito que em decorrência disso, deveria ter tido mais tempo para discutirmos acerca das reflexões expostas e mais tempo para que pudéssemos aproveitar melhor as atividades de campo que foram propostas. Acabou que ficou muito cansativo e não aproveitamos o tanto que considero ser suficiente para observarmos as comunidades como deveríamos. (Fala de participante do evento)

Gráfico 8: Adequação da Carga Horária de Cada Atividade do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.

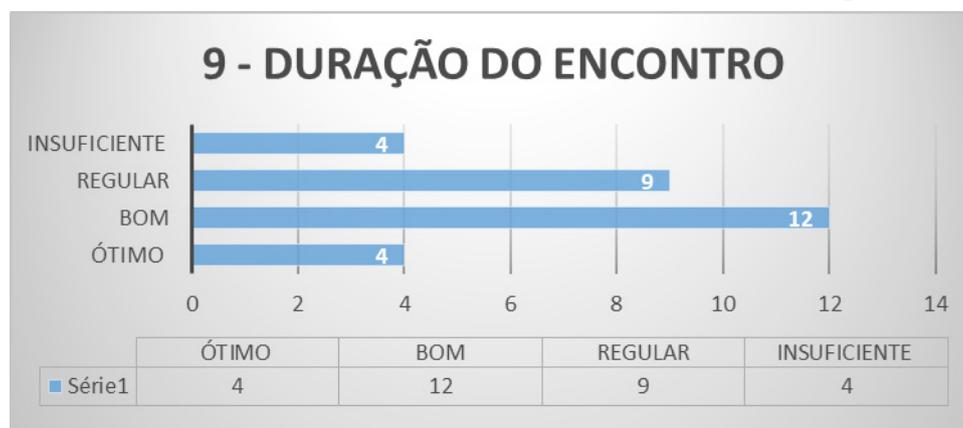


Fonte: Elaboração própria, 2015.

Referente à duração do encontro 12 pessoas acharam boa e 9 regular, 4 ótima e 4 insuficiente. Nos comentários a principal queixa dos participantes era em relação a curta duração do evento acarretando um cansaço muito grande que algumas vezes os impediu de absorverem melhor os conteúdos expostos. “Em decorrência das explicações feitas no comentário anterior, considero que o encontro deveria ter sido programado para um tempo maior de duração”. “Talvez para outras versões do evento, poder-se-ia pensar em três dias, onde se pudesse diluir melhor, em termos de tempo, as atividades de campo”. “Para a boa execução da programação planejada seria necessário, pelo mesmo, mais um dia.” “Embora curto, pude obter boas informações e um grande aprendizado. Foi bastante proveitoso”.

Mesmo avaliando as dificuldades atuais para realização de um evento em vários dias, para se manter a programação como deveria ser, seria necessário um dia a mais no evento. Caso não seja possível, numa futura edição, talvez a melhor solução seja enxugar um pouco a programação, para que todas as atividades possam realmente ser executadas com o máximo de aproveitamento. (Fala de participante do evento)

Gráfico 9: DURAÇÃO DO ENCONTRO do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Sobre a interação do grupo a maioria (16 pessoas) respondeu que foi ótima, 11 responderam que foi boa e apenas 1 disse que foi regular e outro insuficiente. Nos comentários deixaram elogios e observações a respeito do envolvimento do grupo. “Gostei bastante do grupo envolvido no evento, pessoas comprometidas com a temática, possibilitou troca de vivências, e conhecimentos com outros campi”. “Achei o grupo de fácil

interação e envolvimento”. “Também devido à falta de tempo houveram poucos momentos de integração, realmente capaz de promover uma troca por trás dos bastidores”. “Elogios ao grupo que pensou e realizou o evento desde os servidores altamente envolvidos e receptivos, aos estudantes que estavam literalmente a serviço da proposta”.

Gráfico 10: Interação do Grupo do I Encontro dos NEABIS do IFCE/Campus de Baturité em 2015.



Fonte: Elaboração própria, 2015.

Perguntamos se dentre os assuntos tratados, algum não ficou claro? E qual seria? As respostas foram variadas alguns afirmaram não ter tido dificuldades e outros citaram o tempo restrito como um empecilho na contribuição dos palestrantes e as indicações de documentos específicos relacionados aos NEABIs. “Não tive problema de assimilação das temáticas. Foram excelentes assuntos e bom debatedores”. “A indicação dos nomes e números dos documentos específicos (decretos, pareceres, etc) relacionados aos NEABIS”. “Acho que todos os palestrantes envolvidos, tinham muito mais a contribuir, porém em virtude do tempo, algumas abordagens foram rápidas, quando podiam ser mais exploradas”. “Não. Todos os assuntos foram tratados de forma satisfatória. Porém, creio que para os debates, poderia ter tido um tempo maior”.

Outro questionamento foi se os participantes sentiram falta de algum assunto, os quais expressaram os seguintes: “Sistematização das ações do núcleos em funcionamento, diálogo, trocas. Pois só ouve exposição.” “Sim. Poderíamos ter reservado mais tempo para tratar do assunto do NEABI”. “O que mais senti falta no evento foram explanações sobre a dinâmica de criação dos NEABs em si...” Sobre quais são as diretrizes básicas a seguir, quem pode participar, sobre o servidor integrante como será definida a carga horária...” “Especificamente senti falta de alguma orientação sobre as inclusões das temáticas nos currículos, o que tem sido uma exigência recorrente do MEC em suas avaliações nos campi”. “Acho que a parte jurídica poderia ser mais explorada”. “Como se dá a regulamentação de um NEABI”. “Acho que o debate sobre a abordagem da temática na escola poderia contribuir enormemente para o caso dos campus que não possuem grupos de pesquisa e tem foco no Ensino Médio”. “Creio que faltou uma explanação melhor sobre as questões técnicas de implantação dos NEABI’s”.

Senti falta do aprofundamento para os participantes que não teriam como habilitar suas ações junto a comunidades, apenas tangenciando os temas africanidade e indígena, como é o caso do campus Umirim. (Fala de participante do evento)

Do casamento dessa temática com a atuação também nos campi em outras esferas que não seja somente a extensão. Acho que pode ser explorado também essa interlocução com as atividades das equipes multiprofissionais da Assistência Estudantil de modo a fortalecer esse processo. Assim como,

em outras esferas de atuação dentro dos campi, tendo em vista que estamos abertos para receber alunos dessas comunidades. Vamos procurar refletir como se processaria esse “casamento” de tratar a temática dentro e fora do IFCE, levando em conta as nossas especificidades, limites e possibilidades em construção. (Fala de participante do evento)

Quando questionados sobre o que a vivência (trilha histórica e visita à comunidade quilombola) tinha proporcionado a eles/as as respostas foram em sua maioria positivas, falaram da satisfação em ter participado da vivência, dos inúmeros conhecimentos e experiências adquiridas nas comunidades. Somente reclamaram, novamente, do pouco tempo para absorver os novos conhecimentos. “Uma maior aproximação e reconhecimento da cultura e dos modos de vida das comunidades e o resgate dos aspectos históricos”. “Foram momentos de grandes aprendizados (conviver com os indígenas e os quilombolas, especificamente com as riquezas naturais que eles estão inseridos, me trouxe paz de espírito). Que pena, o tempo foi pouco”. “Conhecimento mais adequado e desmistificação de como são estas comunidades tradicionais”, “Relacionar as temáticas discutidas no dia anterior com os processos de organização e de luta por reconhecimento empreendidas por esses grupos visitados”. “O desejo de conhecer mais sobre o modo de ser e de viver das pessoas das comunidades, saber mais sobre sua história”. “Além do conhecimento das comunidades visitadas, que eu não conhecia, foi a possibilidade de aproximar-se da cultura atual dos índios e negros, percebendo também seus limites e transformações”. “Interessante à questão de implantação de unidades de educação e cultura nas comunidades indígenas e quilombolas”.

Enorme curiosidade e angústia, pois ao mesmo tempo que diversas perguntas surgiam, a ideia de silenciar era primordial para que o evento tivesse sua sequência. Mas, acima de tudo, a noção de um dever urgente e mais que presente: o de elevar aquelas vozes aos quatro cantos do Ceará. (Fala de participante do evento)

O que mais me chamou a atenção e, no meu caso, foi mais proveitoso, foi à visita à Comunidade Indígena dos Kanindés. Foi uma experiência única, principalmente pelos depoimentos que conseguimos com as pessoas da comunidade, com destaque para o depoimento do Diretor da Escola Indígena. Para nós, que realizamos trabalhos junto à comunidade, foi bastante esclarecedor. (Fala de participante do evento)

Uma visão que até então eu não tinha, foi uma experiência muito boa, conhecer um pouco do dia a dia dessas comunidades e observar como eles já estão inseridos dentro dos nossos costumes e ainda conseguem manter a sua identidade. (Fala de participante do evento)

Foi um momento rico para compreendermos como as culturas indígenas e quilombolas estão diluídas na cultura brasileira, de forma que valorizar essas culturas não significa deixar de lado hábitos e crenças, mas enxergar de uma forma diferente e crítica questões que já fazem parte da nossa vida. É claro que para aquelas comunidades, a questão da autoafirmação tem um cunho muito mais político, inclusive de luta pela terra e pelo território, mas refletindo sobre a nossa realidade é possível perceber que não se trata de “outras” culturas e sim de reconhecimento da nossa cultura. (Fala de participante do evento)

O contato com as comunidades foi de extrema importância para que pudéssemos observar in loco aspectos tratados teoricamente no dia anterior.

Foi a oportunidade de sentir um pouco a realidade dessas comunidades, levando em consideração suas peculiaridades. A junção entre o ouvir e o observar traz uma riqueza de elementos que nos auxilia na construção de outros pontos de vista e nos inquieta para um maior mergulho nessa realidade. Certamente que o momento não é suficiente para que tenhamos um análise profunda acerca das teias de relações que se estabelecem nessas comunidades, mas de certo nos permite ter uma visão geral sobre elas, facilitando o processo de aproximação com essa realidade. (Fala de participante do evento)

O contato com as comunidades foi de extrema importância para que pudéssemos observar in loco aspectos tratados teoricamente no dia anterior. Foi a oportunidade de sentir um pouco a realidade dessas comunidades, levando em consideração suas peculiaridades. A junção entre o ouvir e o observar traz uma riqueza de elementos que nos auxilia na construção de outros pontos de vista e nos inquieta para um maior mergulho nessa realidade. Certamente que o momento não é suficiente para que tenhamos um análise profunda acerca das teias de relações que se estabelecem nessas comunidades, mas de certo nos permite ter uma visão geral sobre elas, facilitando o processo de aproximação com essa realidade. (Fala de participante do evento)

As principais potencialidades apontadas pelos participantes foram relacionadas às mesas redondas e as vivências assim como a aproximação entre o IFCE e as comunidades ao entorno “Aproximação do IFCE com as comunidades rurais, indígenas e quilombolas; Fortalecimento dos projetos de extensão; Abertura do IFCE para a comunidade” “O interesse e o envolvimento dos participantes e da equipe organizadora foi o grande aspecto potencializador.” “Destaco dois pontos mais importantes: primeiramente foi o despertar para estudarmos essas temáticas, e o outro foi nos colocar em convivência, com eles (Índios e afro-brasileiros) e em torno deles”. “O aproveitamento de experiências dos próprios representantes dos grupos, o compartilhamento de experiências já existentes nos campi, o contato com os elementos de arte e cultura dos grupos”. “O evento foi um momento rico e propício à discussão de culturas que são negadas no cotidiano da Instituição, seja no currículo, seja nos eventos ou mesmo pelo não conhecimento da existência de alunos desses grupos culturais”. “As palestras foram todas muito pertinentes e esclarecedoras, verdadeiras oportunidades de crescimento”. “O evento foi muito bem organização em relação à recepção dos participantes, com a exposição de fotografias de comunidades indígenas e quilombolas”. “Pessoas representativas do tema em questão”. “Previsão de repetição semestral ou anual”. “Lugar estratégico na natureza”. “Difundir a discussão sobre a temática em outras esferas além dos limites do campus”. “Rico pela temática, pela diversidade de debates e pela clara disposição e interação dos ali pensaram no evento de não nos deleitarmos apenas na perspectiva teórica da discussão”.

O tema é uma das grandes potencialidades. Precisamos ampliar as discussões e acredito que eventos como esse colocam a instituição num patamar interessante, em termos de responsabilidade social e formação humana. Além disso, a possibilidade de podermos fazer um intercâmbio de experiências. Isso é muito bom. (Fala de participante do evento)

Esclarecimentos sobre o tema tão pertinentes, atuais e tão em evidências nas discussões sobre questões sociais. Com a possível implantação dos NEABI's, haverá possibilidade de engrossar as fileiras de luta e intervenção contra preconceitos raciais. (Fala de participante do evento)

A comissão organizadora está de parabéns por organizar um evento tão

grandioso, realizado em tão pouco tempo e dentro das adversidades do contexto atual, bem como os participantes que se comprometeram com a temática e se esforçaram para comparecer em todos os momentos. (Fala de participante do evento)

Como pontos negativos apontaram o tempo insuficiente para a temática e para as atividades, ausência de alguns campi, horário de término das atividades que foi além do previsto, atrasos e alterações na programação “Tempo insuficiente para o aprofundamento dos debates”. “O tempo muito curto para muitas atividades”. “Apenas o excesso de atividades e a ausência de muitos campi do IFCE”. “O horário previsto para o fim do encontro de cada dia não foi favorável, visto que muitos alunos não puderam ficar até finalizar pelo fato de não haver transporte para voltar pra casa”. “Sem dúvida, o tempo, dois dias foi muito pouco, para tanta informação. Mas gostei muito mesmo com a correria”. “De uma forma geral, o evento foi satisfatório, porém, colocaria como ponto negativo, apenas a questão do cumprimento dos horários das atividades”.

O único aborrecimento foi sobre o horário de término do dia 18, pois os servidores que estavam dependendo do ônibus institucional, mas não desejavam participar da atividade de vivência de ritmos afro tiveram que esperar o restante do grupo, sendo que muitos tinham viajado de madrugada para conseguir chegar a tempo no evento e estavam realmente muito cansados. Como sugestão, acho que em uma situação futura poderá ser oferecido dois horários de transporte. (Fala de participante do evento)

Por fim, foram apresentadas algumas sugestões para eventos futuros um maior tempo para a realização do evento (três dias), trazer como palestrantes autoridades jurídicas, articulação de grupos de discussão dos temas (GTs), oficinas horários alternativos para o transporte. “Proporcionalidade do tempo de realização com as atividades programadas”. “Convidar o Ministério Público/Defensoria Pública para se abordar as questões jurídicas”. “Visar à disponibilidade dos transportes, ou seja, o horário dos últimos transportes para que os alunos interessados não fiquem de fora do encontro. “Atividades corporais mais próximos das situações das comunidades tradicionais”. “Um encontro mais amplo, com programação mais vasta, com mais dias para a programação” “Sem dúvida alguma, tentar aumentar o tempo, para que as atividades sejam feitas com mais proveito”. “Nos próximos encontro, a articulação de grupos de discussão a respeito dos temas (GT’s)”. Tivemos também elogios à equipe organizadora do evento “De todo modo quero parabenizar a equipe pela iniciativa e comprometimento. Foi um evento que deixou de fato todos muito cansados, mas com certeza foi muito gratificante e emocionante”.

Não cortar a programação e fazê-la de forma a contemplar o objetivo, num tempo que seja também confortável e menos cansativo para todos. Acredito que se tivessem feito em mais dias, teria sido bem mais proveitoso. (Fala de participante do evento)

Além do que já foi citado, acredito que dar mais espaço para as oficinas com os representantes dos grupos sobre as atividades que eles desenvolvem em espaços de educação e sobre como podemos nos aproximar desses grupos e inserir essas atividades nos cotidiano dos campi pode ser proveitoso para os propósitos do evento. (Fala de participante do evento)

Como podemos perceber as principais sugestões estiveram relacionadas a destinar maior tempo disponível para realização das discussões de maneira qualitativa.

4 - AVALIAÇÃO DA COMISSÃO ORGANIZADORA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comissão organizadora considerou relevante todas as observações elencadas pelos/as participantes para o aprimoramento na execução dos próximos eventos. Em geral, há uma questão central que perpassou todas as críticas e sugestões narradas pelos participantes: a curta duração do evento diante da densidade das discussões e vivências. Nesse contexto, a comissão organizadora lembra que, inicialmente, o evento havia sido planejado em quatro dias e que o tempo de execução foi reduzido em relação à carga horária, devido às dificuldades financeiras apresentadas pelo IFCE.

Na parte referente a divulgação e mobilização a comissão concordou em partes com as solicitações dos participantes, pois foi feita mobilização com bastante antecedência. Assim, devemos continuar mobilizando com pelo menos um mês de antecedência, mas agora enfatizando para diretores e coordenadores de extensão encaminharem os informes a todos os servidores/as dos campi (por e-mail), que divulguem em flanelógrafos e painéis dos campi. A comissão pensou ainda que poderiam ser produzidos cartazes e enviados aos campi, de modo que não haja prejuízo de informações e haja maior legitimidade quanto ao processo de mobilização.

No que refere a infraestrutura e lanches disponibilizados para o evento concordou-se com a maioria dos participantes que foram ótimos. Anna Érika disse que sentiu falta em ter uma melhor apresentação dos alimentos, pois os sucos, por exemplo foram expostos em recipientes muito grandes, mas já vem conversando com empresa licitada para melhorar também neste aspecto.

Referente aos aspectos teórico-metodológicos, de fato alcançou-se os objetivos pretendidos, sendo necessário apenas pensar nos próximos encontros maior espaço de tempo para troca de experiências e encaminhamentos que acabou não sendo totalmente satisfatórios pelo curto tempo.

Destacou-se durante toda a reunião a concordância com os participantes do evento que dois dias foram insuficientes para a quantidade de pautas propostas. Contudo, a comissão já tinha uma pré-noção de que isso aconteceria, mas diante da urgência em discutir todas as pautas e dos poucos recursos disponíveis para ampliar os dias de atividades foi necessário manter a proposta.

A parte seguinte da avaliação tratava sobre expectativas e a integração dos participantes e percebemos que, em sua maioria, as expectativas foram alcançadas. Talvez pudéssemos (havendo maior tempo) ter proporcionado outros momentos de integração do grupo.

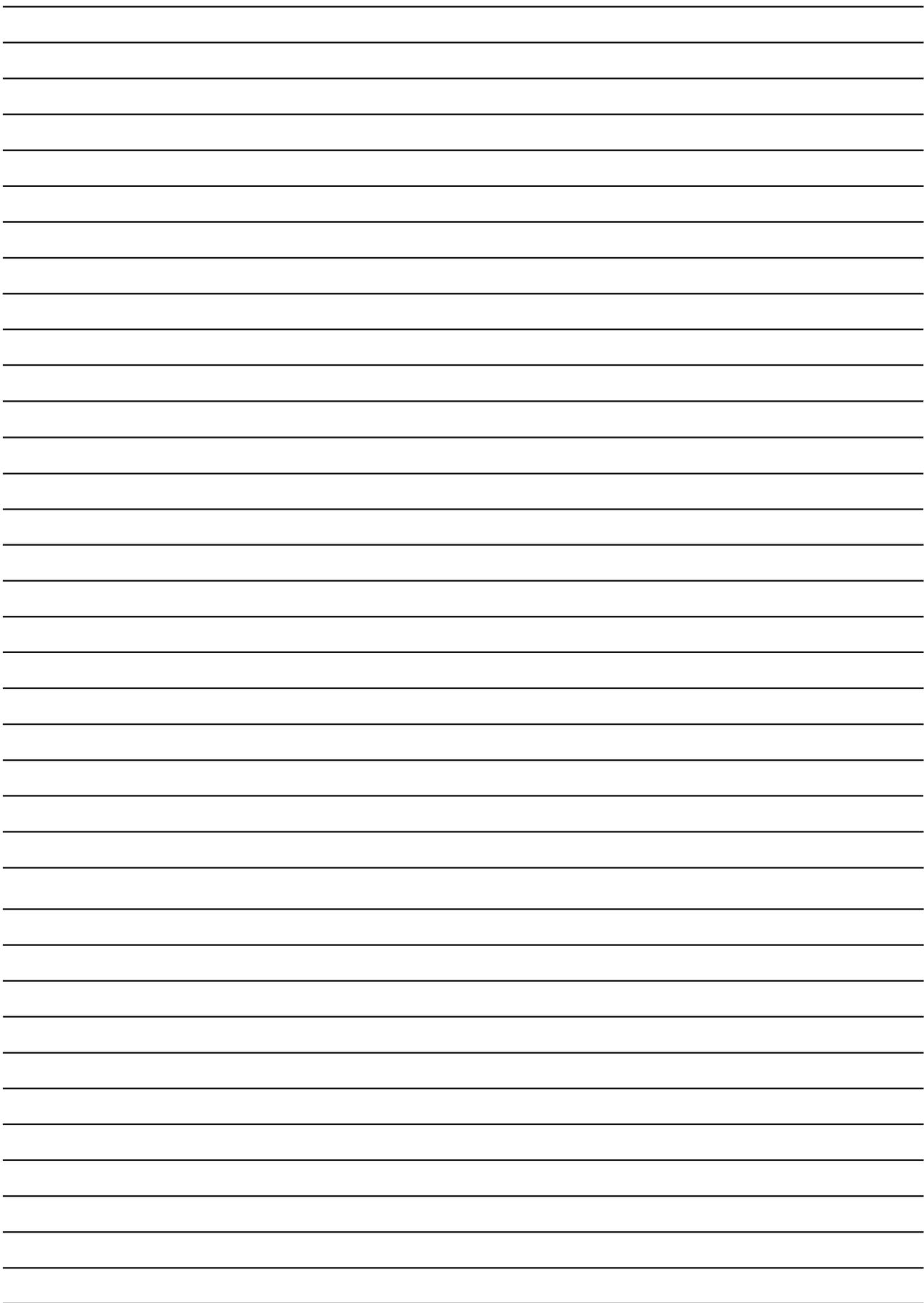
Sobre outros assuntos que poderiam ser discutidos os participantes e a comissão organizadora levantaram os seguintes: legislações, questões jurídicas relativas ao tema, trazendo o ensino para discussão e discussão sobre as políticas de ações afirmativas.

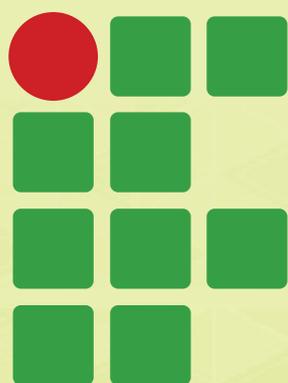
Destaca-se que o evento foi possível diante da articulação e co-participação entre os campi de Caucaia e Baturité, bem como da PROEXT e DAE, inclusive, quanto aos recursos. Esta parceria faz-se central para a realização da segunda edição do evento, prevista a ser realizada em Caucaia no ano vindouro.

Outro destaque da comissão foi sobre a preparação dos participantes para as vivências e contato com as populações indígenas e quilombolas. Alguns entraves ocorreram durante o contato e interação com as comunidades visitadas. Por isso, sugeriu-se que para os próximos eventos a realização de uma reunião preparatória de sensibilização para a realidade das comunidades indígenas e quilombolas ou apresentação de memorial descritivo para o ato de inscrição.

A equipe observou que a ausência de alguns inscritos em alguns momentos do evento deu-se por conta de outras ações que estavam acontecendo no IFCE como reunião sobre RSC docentes, reunião na DIREN com coordenadores de curso, vestibular, dentre outros.

Com efeito, a comissão indica que para os próximos encontros faz-se desejável lembrarmos sucessivas vezes aos/às participantes e sensibilizá-los/as a responder a avaliação do evento. Cogitou-se atrelar desde o início do evento responder-se à avaliação como condição para receber o certificado.





**INSTITUTO
FEDERAL**
Ceará